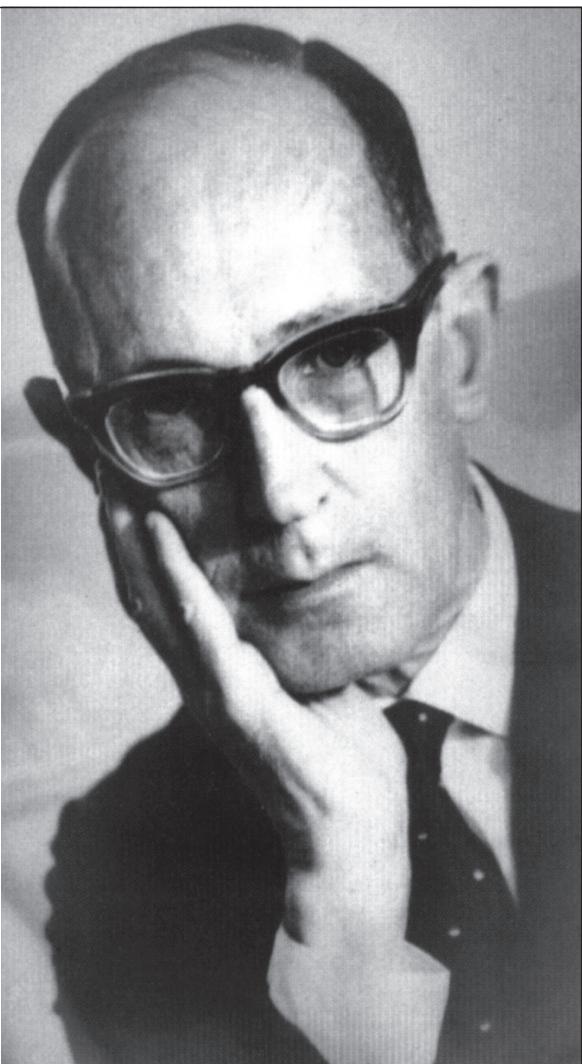


# O anjo caído



O poeta Carlos  
Drummond de Andrade

## DA PRAÇA À ILHA

Como explicar a guinada estética de Carlos Drummond de Andrade, no período que sucedeu à grande poesia de *A Rosa do Povo*? É este o objetivo de Vagner Camilo, no livro substancioso que acaba de lançar: *Drummond: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*. Como se sabe, a questão não é nova. Uma penca de críticos já tratou do assunto, isso sem contar o fato de que o próprio público já havia reagido, em cima da hora, às mudanças do poeta do *Sentimento do Mundo* (1940) e de *A Rosa do Povo* (1945) para o poeta dos *Novos Poemas* (1948) e de *Claro Enigma* (1951). A novidade está na explicação. Vagner se volta para a história cultural e política da época. É lá que vai encontrar os elementos que alicerçam a passagem do poeta participante para o poeta fechado em copas, que, não raro, beirou o hermético.

A tese é a seguinte: Drummond não teria se retirado para uma torre de marfim, no sentido parnasiano e alienante do termo, ao

**JOAQUIM ALVES DE AGUIAR** é professor do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP e autor de *Espaços da Memória: um Estudo sobre Pedro Nava* (Edusp/Fapesp).

*Drummond: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*, de Vagner Camilo, São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

trocar a *praça de convites* por uma posição de *observador de escritório*, de onde passou a interrogar os homens. Os frutos de tal escolha, só aparentemente privilegiada, seriam conflitos insolúveis e, logo, duradouros, para não dizer eternos, na poesia de Drummond. Digamos então que as duas fases – a participante e a estetizante – compreendam um só conjunto, uma só peça em claro-escuro, num poeta que jamais se aninhou no conforto do puro lirismo e do homem sempre desconfortável em sua condição. Explicando um pouco melhor, o problema da primeira fase seria o risco de a comunicabilidade jogar na prosa a poesia que se pretendia empenhada, para usar a feliz expressão de Antonio Candido; o da segunda seria o de encerramento da linguagem no simbólico, a ponto de torná-la in-comunicável.

Pois bem. É com esse desconforto, motor da famosa *consciência lírica* de Drummond, que Vagner trabalha, explorando seu meio-termo e as tensões daí advindas, e seguindo a trilha aberta por José Guilherme Merquior, que observou na obra em verso e prosa *daquele* Drummond (o do pós-guerra) que o poeta não havia se afastado “absolutamente de sua sensibilidade no tocante aos problemas sociais” (p. 19). Vamos dizer então que o gesto participativo havia deixado um saldo considerável: o espírito sensível dando a voz de comando ao artista que depura a forma, sem abdicar do exame da realidade que a ele concerne.

No limite, como Vagner tão bem nos mostra, Drummond nunca deixou de ser um lírico voltado para as tensões e contradições da vida em sociedade, de modo que seria enganoso tomar sua fase estetizante como afastamento definitivo ou descompromisso de um homem virando as costas para as questões mais agudas do tempo que lhe tocou viver. Poderíamos, portanto, pensar numa *consciência social* permanente em Drummond? Sim, pois já em seu primeiro livro, *Alguma Poesia* (1930), vê-se com facilidade o *cronista* saboroso elaborando seus retratos, só na aparência espon-tâneos, da vida prosaica, com indiscutível

agudeza crítica. Isso sem contar o fato de, na mesma obra, já aparecer a famosa pedra no caminho, abrindo aquela poesia para as indagações de cunho metafísico que, por seu lado, também nunca abandonariam o nosso maior poeta.

Para reforço de sua tese, Vagner pinça na prosa de Drummond uma metáfora poderosa: a ilha. Trata-se de lugar escolhido pelo poeta para dali continuar exercendo o seu ofício, segundo sua nova estética: uma ilha “no justo ponto de latitude e longitude” que nem “me afaste demasiado dos homens, nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte de bem viver, uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização” (p. 91). Evidentemente, tal espaço é imaginário e, como Vagner observa, configura a nova atitude: a ilha substituiu a praça, lá onde o poeta, também em operação imaginária, misturava-se aos homens. A análise dessa metáfora compreende o capítulo 3, intitulado “Uma Retirada Estratégica”, da primeira parte do livro. Trata-se de um capítulo curto, de apenas oito páginas, mas, a meu ver, um dos pontos altos do trabalho em questão.

Mas quais razões teriam levado o poeta a sacudir seus procedimentos, inaugurando com *Novos Poemas* e *Claro Enigma* uma nova fase de sua poesia? Por um lado, o avanço, que já se observava na época, da “especialização do trabalho artístico”. Finda a etapa revolucionária do modernismo de 22 e de 30, voltavam os poetas ao apuro formal, cujo limite seria o neoparnasianismo com que se acusa a geração de 45. Por outro lado, no plano político, a orientação cultural do PCB, que passava a impor o realismo socialista como norma estética, teria empurrado o poeta ao seu retiro, trocando a praça pela ilha, ou seja, o coletivo pelo individual, em princípio ao menos, mais propício ao desenvolvimento da pesquisa estética. É com essas duas razões que Vagner trabalha, relativizando, aprofundando e revelando os seus matizes, o que obviamente implica acréscimo de novos dados ao que, bem ou mal, já se sabia.

## INTÉRPRETE REFINADO

O ponto de partida de Vagner é um bom resumo da fortuna crítica do Drummond que lhe interessa, de maneira que suas idéias nascem da tradição, se assim pudermos chamar os estudos já feitos sobre o poeta. Vagner marca seu território com dignidade e rigor acadêmico, dialogando com críticos de épocas, calibres e métodos diferentes. Antes de iniciar sua conversa, portanto, ele presta contas ao leitor do que existe a respeito do seu objeto, medindo, como se estivesse num laboratório, a dosagem de cada elemento a ser utilizado na mistura, de modo a produzir com ela a sua própria substância. A imagem serve para dizer da seriedade do estudo em pauta. No fim das contas, trata-se de uma tese de doutorado muito bem defendida, conforme tive o privilégio de testemunhar, no Departamento de Teoria Literária da Unicamp, em 1999.

Talvez, como já foi sugerido no início, o maior trunfo do livro de Vagner não seja tanto a idéia central, que convence, mas que permanece em debate, quanto a sua demonstração, de modo que cabe logo apontar a força analítica do excelente intérprete de poesia. Vagner toca fundo nos versos de *Novos Poemas* e *Claro Enigma*, sem entretanto deixar que as análises sobrecarreguem o método. Há ocasiões em que o leitor pode pedir mais, como ocorre, por exemplo, nas abordagens de “Oficina Irritada” e de “Os Bens e o Sangue”, duas peças célebres de *Claro Enigma*. Há também seqüências, a meu ver, não muito empolgantes, como aquela em que se lança mão da tópica barroca (capítulo 4 da segunda parte) para explicar a “visão sombria e pessimista” do poeta. Ressalte-se, contudo, que aqui a questão é de gosto, e que nada compromete um todo conseqüente e armado com pulso firme.

Além disso, convém notar que outros momentos do livro compensam plenamente as, digamos, *incompletudes* de certas análises. No capítulo “Da Sombria Aceitação da Noite ao Legado do Impasse” e no capítulo “Culpa, História e Natureza” (ambos da terceira parte) as abordagens, res-

pectivamente, de “Dissolução” e de “Museu da Inconfidência”, ambos também de *Claro Enigma*, me parecem excelentes. Aliás, penso ser nas passagens em que Vagner se detém no exame daquela *melancolia crítica*, que sombreia e ilumina tantos poemas de Drummond, que seu livro toma o rumo das alturas. Mas, outra vez, a observação depende muito do gosto. De qualquer maneira, mesmo naquelas instâncias em que se pode sentir a falta de uma coisa ou outra não escapam ao leitor os méritos do estudioso: seu domínio da matéria e dos instrumentos utilizados para abordá-la, seu desempenho crítico enfim.

Eu diria que o livro combina dois movimentos, sendo o primeiro analítico e o segundo narrativo. Um serpenteia no outro, para ganho do leitor, que acompanha com interesse o andamento da exposição, do começo ao fim, chegando a aguardar o desfecho como se estivesse diante de um romance. Há, portanto, certo enredo no método, como aliás já indica o título – *Da Rosa do Povo à Rosa das Trevas* (embora aqui a coda – as trevas – me pareça um tanto pesada). E há o estilo, a escrita sintonizada com o melhor ensaísmo contemporâneo, o ritmo intenso, a frase bem construída, a observação arguta, as sínteses admiráveis, etc., tudo contribuindo para compor a prosa viva com que se dá ao leitor o trabalho do crítico.

Sem dúvida, Vagner escreveu um livro de fôlego. Trata-se de leitor atualizado e voraz, conforme nos mostram a bibliografia do seu trabalho e, sobretudo, as notas do pé de página, muitas delas extensas e esclarecedoras. Aqui, entretanto, pode caber uma sugestão. Como esse tipo de livro se destina, basicamente, a leitores familiarizados com o assunto, talvez seja o caso de rever algumas notas, rescaldo de sua primeira configuração – a tese –, em que o autor precisa comprovar aos pares acadêmicos ter feito certas leituras. É que já estou pensando numa segunda edição, que não é improvável, até porque está em pauta parte do filé da obra do maior poeta do país, e nas mãos de um intérprete refinado. Eu penso que talvez se possa enxugar um pouco as notas de rodapé, privilegiando aque-

las com teor explicativo em relação às que constituem meras referências.

Neste ponto, podemos voltar um pouco aos críticos com os quais Vagner dialoga. A base da interpretação depende muito de José Guilherme Merquior e de John Gledson. Vagner procura, como aliás acontece na obra de Drummond, um ponto entre a metafísica do primeiro e o senso historiográfico do segundo. É evidente que os dois não são, e nem poderiam ser, reduzidos a esses paradigmas, aqui mencionados somente por razões esquemáticas de explicação. Mas há um terceiro nome importante, cuja presença é decisiva no livro: Iumna Maria Simon. De algum modo, é como se o trabalho de Vagner fosse a continuação atualizada do livro sobre Drummond, *Uma Poética do Risco*, que Iumna publicou em 1978. Tratava-se, também, de uma tese de doutorado, defendida em Assis, em 1974. Quase trinta anos depois, o livro permanece em pé e, salvo engano, constitui o trabalho mais completo de que dispomos sobre *A Rosa do Povo*. Nele, o método formalista, em voga na época, é posto a serviço de uma visão social que o tempo iria incumbir-se de aprofundar, e refinar, na ensaísta de peso e crítica literária de primeira linha, dessas que conhecem como poucos o objeto do qual se ocupam – a poesia moderna – e que sabem como poucos sondar a natureza de um poema, privilégio de uma sensibilidade aguçada e curtida em anos de estudos e leituras.

Pois bem. Esse é um dos elementos do tripé que forma a base do estudo de Vagner. A segunda parte do livro, ali onde começam as análises de *Novos Poemas*, intitula-se justamente “Da Comunicação Precária ao Silêncio das Pedras”. A expressão “comunicação precária” é quase transposição da *essência* do livro de Iumna Simon, em cujo centro se encontra o problema do poeta dividido entre o desejo de abrir sua linguagem ao coletivo e o risco de, assim procedendo, perder o controle sobre a especificidade que garante à mesma linguagem sua configuração poética mais pura. Tal risco, corrido com plena consciência, gera uma poesia tensa, de cuja análise se incumbe a estudiosa (a abordagem de “O Elefante” pode

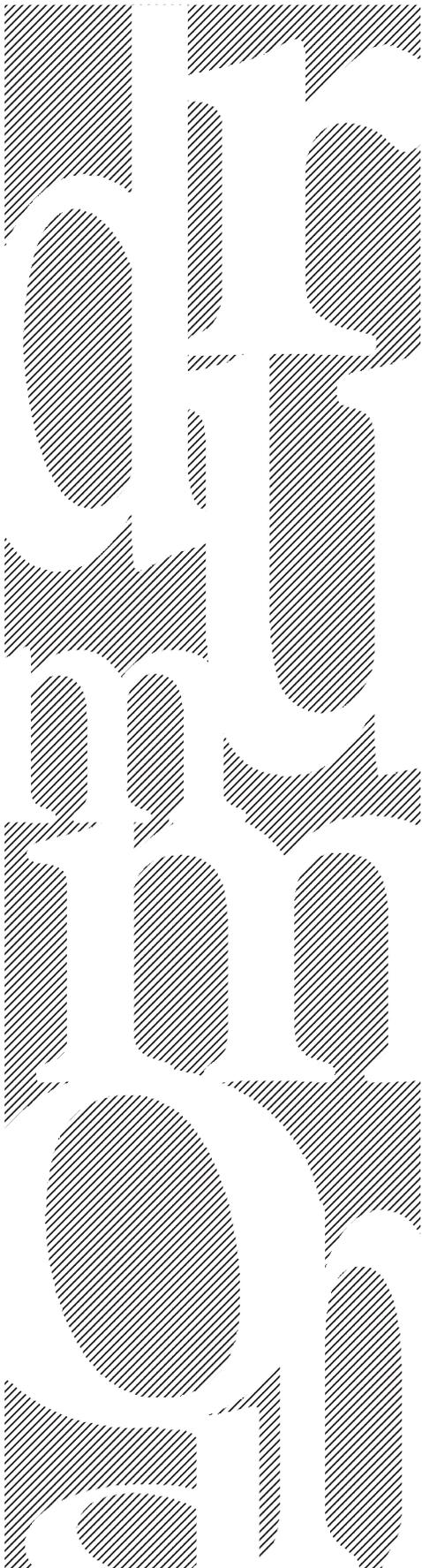
ser, ainda hoje, uma espécie de modelo do trato de um poema; referência obrigatória sobre esta que é reconhecidamente uma das obras-primas de Drummond).

Talvez se possa dizer que Iumna mordeu a primeira parte do filé da obra de Drummond e que Vagner veio morder a segunda. De fato, o homem a caminho dos 50 anos, e portanto em plena maturidade na arte e na vida, nos deu, naquele período que se estende de 1940 a 1951, ou seja, de *Sentimento do Mundo a Claro Enigma*, a mais fulgurante e complexa poesia da literatura brasileira moderna. A partir de então seria mais prosador, e aliás um cronista formidável, que poeta, até reaparecer, em 1962, com *Lição de Coisas*, outro de seus livros fortes em matéria de lirismo e que, se não houver engano, ainda está reclamando a mão de um crítico que nele se detenha com o mesmo empenho com que esses dois se detiveram nas obras que tomaram para estudar.

## DESILUSÃO COM O PARTIDO

Para concluir, gostaria de retomar um pouco a tese central do livro, lembrando, outra vez, que se trata de questão polêmica, sempre aberta às discussões. Eu acho que o conflito de Drummond com o PCB merece nova investida de Vagner, quem sabe num ensaio que lhe permita ir mais fundo na questão, sem que se perca, obviamente, o refinamento já demonstrado no trato dos poemas. Voltando ao que falei sobre as notas, chamam a atenção a abundância de títulos citados sobre teoria e crítica literárias (além de filosofia, sociologia, história e outros campos do saber humanístico) e a escassez de títulos a respeito da política cultural difundida pelo PCB.

Na verdade, Vagner, conforme ele mesmo confessa na página 68, trabalha com apenas um livro, *O Imaginário Vigiado*, da autoria de Dênis de Moraes. A pergunta é óbvia: não seria pouco? Ou melhor, dada a espessura do problema, e dado o peso que ele ganha na tese, a adoção de um único ponto de vista, por mais correto e instigante



que venha a ser, seria suficiente para tratar do assunto? Ou será que o mesmo assunto foi bem medido por Vagner e não adquiriu, para o que lhe interessa (produzir o andamento analítico, movendo-se para dentro da obra), a dimensão que poderia ter? As perguntas que faço decorrem do fato de que, sendo parte constitutiva do livro, o problema é largamente referido e, não raro, influi no fechamento das considerações sobre os poemas.

A questão da experiência de esquerda, que afinal não foi, ao que parece, em Drummond, tão expressiva assim, pode ter sido o calcanhar-de-aquiles do poeta. Como se sabe, Drummond reagia de pronto às estocadas dos que pediam dele maior empenho, dos que o acusavam de fuga aos compromissos da luta por um país mais democrático e humano. Mesmo assim, o autor de *A Rosa do Povo* permanece sendo o poeta que realizou nossa poesia participante de maior voltagem artística, conforme observa Vagner, e com todas as letras. Obviamente, antes de ser cidadão engajado, tratava-se de grande poeta. Se a guinada drummondiana decorre tanto da desilusão com o Partido (o outro fator *externo* seria, como já se viu, a especialização do trabalho intelectual, problema que o livro coloca bem, mas também não aprofunda muito) e se Drummond foi apenas um militante bissexto, a questão, que tanto ressentimento gerou no poeta, parece ser mais um trauma que um problema objetivo, tanto assim que Vagner nos falará largamente em culpa, remorso, má consciência, destino, etc. Bandeira, por exemplo, o outro grande nome da lírica nacional, não fazia a menor cerimônia: desancava os comunistas a céu aberto. Naturalmente, estava à direita de Drummond. As explicações, apoiadas nas análises detidas – o poeta injetando nas entranhas dos poemas admiráveis que escreveu os conflitos que vivia e as tensões do mundo que observava, a partir de sua ilha –, nos convencem plenamente, mas, segundo penso, ainda não resolvem o problema, que permanece dando pano pra manga. Por mais *Sereníssima* que seja a República das Letras, no plano ideológico,

nenhum cidadão esclarecido assume impunemente um alto cargo de confiança do governo de uma ditadura, ainda que as razões do indivíduo não coincidam com as do Estado.

Não se trata, aqui, de defender o PCB daqueles anos, nem suas práticas autoritárias, nem seu stalinismo cultural, tudo amplamente abordado ao longo do livro, mas, se não for levar o tema às nuvens, não deixa de ser curioso que o demônio da arte *autêntica* tenha sido o realismo socialista e não a mídia, com seus níveis infinitos de banalização e interesses estranhos à estética. Mário de Andrade, como sempre, antecipando-se no tempo, já havia tocado na ferida (que o digam, por exemplo, seus ensaios sobre música popular). Quanto a Drummond, já em fase mais apaziguada, deu-se bastante bem no jornalismo cultural, escrevendo centenas de crônicas, muitas delas imperdíveis, ao longo da vida. Bem, poderíamos argumentar: acontece que o poeta trabalhou com liberdade nos jornais, uma liberdade que decerto não teria nos quadros do Partido (a pergunta decerto é inconveniente: teria tido a mesma liberdade no gabinete de Capanema?). Ainda assim, o problema permanece merecendo consideração: tivesse o escritor acentuado sua fisionomia participante, a regalia seria a mesma, em se tratando de trabalhar na grande imprensa? Ou melhor, será que não teria havido uma *adequação* da guinada estetizante, ainda que crítica, do artista e a, digamos, *receptiva normalidade* das empresas que o acolheram? Uma vez tomada a decisão de *recuo estratégico*, por quais razões tal recuo teria sido definitivo?

A pergunta se coloca porque, do outro lado, o da praça, o esquerdismo brasileiro de 45-50 não seria igual ao de 65-70, por

exemplo, e Drummond viveu para acompanhar, desde sua ilha, as mudanças que sacudiram a vanguarda política do país ao longo de todos esses anos. Seu mal-estar poderia ser fruto, entre outras coisas, de certo “tédio à controvérsia”? Reconheço que não é sopa meter a mão nessa cumbuca. A cobra pode estar lá dentro e o veneno ser terrível. Como dizia Flaubert, outro genial *observador de escritório*, aqui citado em vulgar: não é bom tocar nos ídolos, porque o dourado pode grudar em nossas mãos. Mas fique claro que minhas sugestões e indagações decorrem do fato de que o livro de Vagner tem assunto, um dos elementos da substância a que me referi no início. E depois, convém lembrar: quais dos bons livros de crítica que conhecemos podem ser considerados imunes a problemas?

Como é quase natural, o crítico costuma estabelecer um pacto razoável com a escolha e a conduta do seu autor. Em Drummond, mesclam-se as figuras do grande artista e do homem digno, de uma dignidade amplamente louvada. Todavia, no plano ideológico, aqui do meu escritorinho, eu não poria a mão no fogo, até porque, como já se ensinou, diante da sereia, convém desconfiar. O poeta, como vários outros escritores brasileiros dele contemporâneos, foi anjo caído do patriarcado e, como tal, um cidadão das nossas elites, ainda que pertencendo às suas hostes já prosaicas, ali onde o passado é reserva espiritual que alimenta o presente sem fortuna (verdade que, no caso, com lucidez e força criativa extraordinárias). Mesmo assim, “ pesar de todas as quedas”, com a elite brasileira não se brinca, inclusive com aquela sua cota mínima de gente esclarecida. O tucanato, em moda no Brasil há mais de uma década, não deixa mentir.